



Director literario:  
*Atanapolos Sampato*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:  
*Eduardo Lallés*  
PAPUSSE

## HISTORIA DO Galo - Galão

Por GRACIETTE BRANCO  
Desenhos de TIO TÓNIO



RA uma vez um galo que era mesmo um regalo, mas que, vez de viver nas capoeiras como todos os outros galos, vivia no cimo de uma Igreja, era de ferro e estava espetado no tópo dum catavento. Todas as manhãs, mal o sol acordava, o galo cantava:—  
Có-có-ró-có!

E, todas as tardes, mal o Sol adormecia, o galo dizia:—  
Có-có-ró-có!

Mas, por mais que cantasse có-có-ró-có de manhã e à noite, a Igreja era tão alta, tão

al-al-al-al-alta! que o povo não o ouvia!!

Mas eis que duma vez, passando alguém na rua ao pôr do Sol, o galo cantou:—Có-có-ró-có!...

Esse alguém que passava (que por sinal era o sr. Padre Prior da freguezia), ouvindo o có-có-ró-có partindo do cimo da torre, ergueu vivamente a cabeça, murmurando:

—Olá! Galo de ferro a cantar, nunca vi cá!...

Mas logo encolheu os hombros e baixou a cabeça, afirmando que seria engano seu.

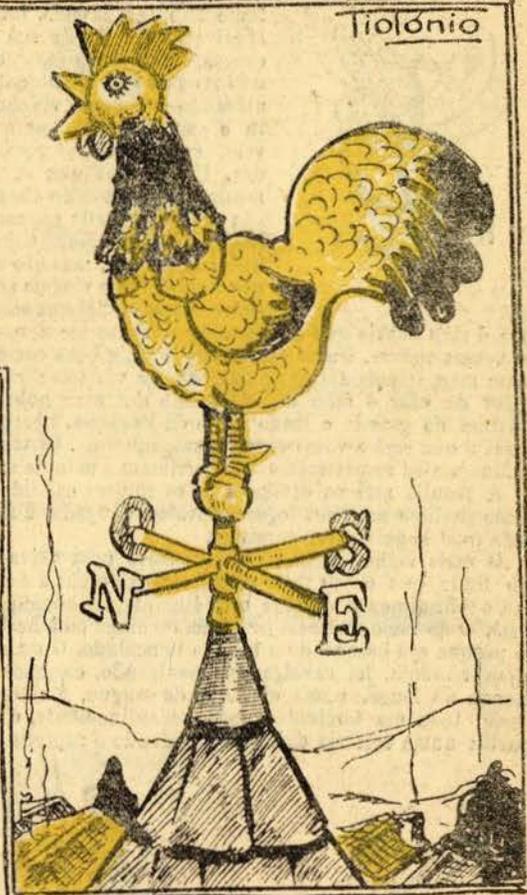
Qual não foi, porém, o seu espanto, ao ouvir o mesmo có-có-ró-có, partindo do cimo da torre, na manhã seguinte, à hora em que entrava na Igreja para dizer a primeira missinha do dia!

Parou, espantado, o pobre sr. Padre Prior da freguezia, dizendo em voz alta, enquanto coçava e recoçava a corôa redondinha como uma lua cheia de agosto:

—Mau! Aqui ha coisa! Ou o galo não é de ferro ou o ferro é milagroso!

Mas, perto da Igreja, havia um quintal, com uma capoeira, onde habitavam galos, que, notando desde a vespera o espanto e embaraço do sr. Padre Prior, combinaram, entre si, elucidá-lo, isto é: explicar-lhe o milagre.

E, enquanto o sr. Prior olhava espantado para o cimo



da torre, eis que um dos galos o chama, gritando do seu poleiro:

—Pst! O' sr. Prior!... Uma palavrinha!...

Menos espantado por ouvir falar um galo de capoeira do que por ouvir cantar um galo de catavento, voltou-se vivamente o sr. Prior, cumprimentando na sua linguagem simples:

—Bons dias, srs. galos!

—Bons dias, sr. Padre Prior! Tenha a bondade de se chegar aqui à grade, porque queremos explicar-lhe o motivo de ouvir cantar, há dois dias, aquele nosso colega de ferro.

—Ora, fazem-me os srs. galos um grande favor, porque ando intrigadíssimo com esta história!

(Continua na página 4)



# DOM SAPO, SAPINHO SAPUDO

POR MARIA PACHECO  
DESENHOS DE TIOTÓNIO



Sapo Sapinho Sapudo, inconsolável pela perda de sua linda esposa, definhava-se, dia a dia, recusava alimentar-se, alheado a tudo, só vindo para o seu desgosto e para os livros, único lenitivo para a sua dor. Havia dias que se sentia muito fraco e vendo chegada a sua última jornada chama os filhos e diz-lhe: «Meus filhos, sei que vou morrer, mas não queria empreender esta viagem sem vos deixar casados. Sei que sois bons

mas é meu desejo que no prazo de oito dias me apresenteis as vossas noivas. Quero que sejam belas e boas como o foi vossa mãe, depois decidirei qual dentre vós três será merecedor de usar o meu título — título dos mais nobres que existem no grande e lindo reino da Fantasia. Parti e procurai a que será a vossa eterna companheira». Os sapinhos inclinaram-se respeitosamente e beijaram a mão de seu pai.

A manhã mal se divisava, já os futuros candidatos ao título partiam nos seus fogosos cavalos. Chegados à floresta cada qual seguiu o seu caminho.

O mais velho, ambicioso, procurava uma noiva linda, tão linda que o seu rosto entusiasmou o pai a dar-lhe o título: finalmente escolhe uma libélula, «silhouette» futurista. O do meio, também invejoso, escolheu uma borboleta, só porque era branca, dum branco imaculado. O mais novo, alma bondosa, foi cavalgando, cavalgando, enquanto o sol morria ao longe, numa explosão de sangue. A estrada era linda, toda em torcicolos, mas, repentinamente, o cavalo partiu numa correria doida, não podendo o sapinho, ainda

ror. Sapinho sabe que no dia imediato tem que apresentar a eleita do seu coração e sentindo uma grande simpatia por tão bondosa rã, pede-lhe que queira ser sua noiva, o



que ela aceitou logo porque também gostava muito do Sapinho, e eis que partem os dois para o reino da Fantasia.

E' chegada a hora marcada para a apresentação das noivas. O mais velho entra e, orgulhoso, diz: Formosíssima Libélula, Rainha dos Ares! O do meio apresenta D. Borboleta, Princesa das Flores! O mais novo entra e mostra a noiva que o seu coração escolheu. Uma gargalhada ecoa pela sala à vista de tão medonha noiva, mas súbitamente entra um mosquito que, tocando levemente a cabeça da rã, lhe transforma o rosto, duma rara beleza, e deixa, junto de D. Sapo, Sapinho, Sapudo, um pergaminho onde se liam em letras de ouro: «D. Rã, princesa do poderoso reino da Quimera, enfeitada por um terrível gigante, só poderia readquirir a sua formosura desde que um fidalgo bondoso a quizesse desposar». D. Sapo, comovido, diz que o sucessor do seu título será seu filho mais novo, que casou sómente por amor.

Seguem emissários para o reino da Quimera, onde o regosijo é geral e depois de grandes festas nos dois reinos



que habil cavaleiro, deter tão vertiginosa corrida, e extenuado caiu sem sentidos.

Manhã. Junto dêle, num quarto ricamente mobilado, há alguém que o acaricia: — é uma rã tão feia que mete hor-



casam-se, vivendo muito felizes, rodeados de muitos filhinhos. D. Sapo, para que nenhuma nuvem toldasse a felicidade do filho, adiou a sua derradeira viagem e ainda vive muito satisfeito na companhia de seus netinhos.

# A boneca de Mimi

por Maria L. G. Ramos

DESENHOS DE TIOTONIO

M

MIMI fazia anos. Que grande contentamento! O papá ia dar-lhe uma boneca grande, muito grande! Assim... E Mimi estendia os bracitos o mais que podia.

— Olha, Aninhas, — dizia ela á sua amiga: é amanhã, sabes? O papá vai trazer-me uma boneca grande, muito gran-an-ande... e os seus bracitos estendiam-se sempre muito.

— Olha, vês?!... Assim!

Chegou a noite. Mimi foi-se deitar. Estava ansiosa pelo dia seguinte e... muito naturalmente, sonhou com a boneca.

Mas que boneca!

Grande, muito gran-an-an-ande... maior que a sua mamã: O papá trouxera-a num carro. Era enorme! Mas, Mimi ficou triste. Era maior do que ela queria. Era muito pesada, não podia com ela, contudo era lindíssima.

Que belos cabelos, tão compridos! E os pés?

(Era o que Mimi mais lhe via) tamanhos!...

Nunca tinha visto uma boneca assim.

Aninhas tinha ido ver a boneca e achou-a feia, a sua mamã também não tinha gostado.

Depois, para lhe fazer um vestido, tinha de gastar muito dinheiro e Mimi não o tinha. E agora, agarrada aos pés da boneca, chorava escondida do seu papá. Depois, quiz ir ver-lhe de perto os cabelos e não ponde. Queria ver-lhe os brincos. Fechar-lhes os olhos. A Aninhas queria ver-lhe o chapéu vermelho e não podia.

Arrastaram uma escada e encostaram-na á boneca para subir, mas, mal tinham subido alguns degraus, a boneca abriu muito os braços e caiu para traz, arrastando a escada, a Aninhas e a Mimi e esborrachando-se no chão.

— Oh! mamã. Minha mamã. Gritou a Mimi acordando sobressaltada.

— Que tens filha!? acudiu a mãe, vendo a pequena aflita.

— Oh! mamã, quebrei a boneca, disse a Mimi a tremer.

A mãe que percebeu disse-lhe: — Não faz mal, o teu papá dá-te outra.



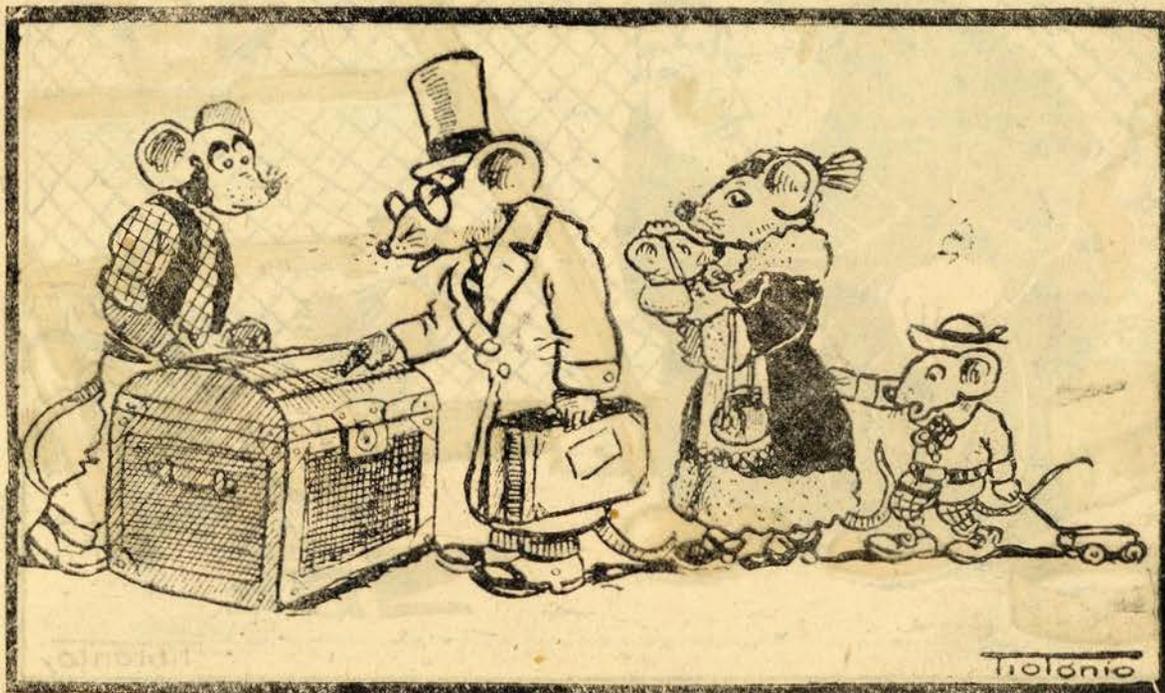
— Oh! mamã, mas, mais pequena, eu quero a boneca mais pequena.

Assim, só assim.

Agora Mimi restringia já muito a abertura dos seus pequenos bracinhos. E nunca mais esqueceu que os exageros são sempre prejudiciais.

— Grande nau, grande tormenta.

## PARA OS MENINOS, COLORIREM



Tiotonio

# História do Galo-Galão

(Continuado da 1.<sup>a</sup> página)

E um dos galos, o mais velho, de grandes óculos de aro de ouro, (porque já via pouco, coitado!), começou:

—Pois, sr. Prior, aquele sr. galo, que é mesmo um regalo e que está espetado no tópo do catavento, à chuva e ao vento, era um colega nosso, que vivia conosco nesta capoeira!

Porém, o seu génio voluntarioso e altivo, fazia com que vivesse em constante desarmonia a nossa pacata e laboriosa família galucha!

Não calcula o sr. Prior!! Mordia as galinhas gordinhas, redondinhas, mansinhas; mordiscava os pintainhos, lindinhos, enoveladinhos, branquinhos, e debicava as cristas fadistas dos galos, galitos e galuchos; que, por desgraça, topava, provando e depenicando nas malgas de sêneas e couves!

Mas, inda isto era o menos! Outra razão havia que inda mais molestava o nosso amor-próprio de galos, galuchos e galitos.

Não consentia que, antes dêle, subissemos ao poleiro mais alto, para saudarmos, de manhã, o Sol! Ora, o poleiro mais alto, era a nossa ambição, a nossa ancia, o nosso desejo! E nada!... Se num vôo arriscado tentavamos, de mansinho, pou ar ao lado dêle, eramos arremessados, violentamente, a terra, cristas em sangue, penas arrancadas, azas derrubadas, — e o patife, no seu pósto, altivo, glorioso, vencedor:

—Có-có-ró-có!...

Esta situação,—(para quem tem um bocadinho de génio)—não podia manter-se!

E, um dia,—(eu era um galito talvez dos meus seis meses),—mal o vi trepar imponente e magestoso para o poleiro glorioso, após ter maltratado o desgraçado rancho de galos, galitos e galinhas, (os pintainhos inda estavam a fazer ó-ó, porque era muito cedo),—pronunciei, em voz macabra, a seguinte maldição:

—Galo galucho! Maldito seja o teu buxo! Galo fadista! Maldita seja a tua crista! Que uma criada da casa te apanhe, por uma aza, e que ela te corte a guela com a faca macaca!

Galo galucho! Jáque só queres estar a cantar no poleiro mais alto, eu te juro—(e olha que eu nunca falto!)—que, depois

de morto, de crista caída e de bico torto, serás transformado num galo de ferro e colocado no cimo daquele catavento, à chuva e ao vento,—que é o poleiro mais alto que te podemos dar,—e que todas as noites e todas as manhãs has-de cantar:—Có-có-ró-có! Có-có-ró-có! Có-có-ró-có!

(E o bando de galos, galitos e galinhas, repetia fúnebremente:—Có-có-có! Có-có-có! Có-có-có!)

Seguiu-se um grande silêncio! Estava terminada a profecia.

Mas, do poleiro mais alto, friamente, cnicamente, ouviu-se uma risada escarminha, do galo galucho galão:—era êle que se ria desta minha maldição!

Porém, passados alguns instantes, tocando a Matinas, o sino da Igreja, ouviu-se, pela porta da cosinha, o falazar alegre das criadas!... O coração deu-me uma pancada e senti-me empalidecer!...

No poleiro mais alto, o galo galucho, dominava com a sua voz trocista:—Có-có-ró-có!...

(E as galinhas, coitadinhas, tinham a barriguinha a dar horas, porque o galo mauzão, não lhes deixara nem um bocadinho da ração!)

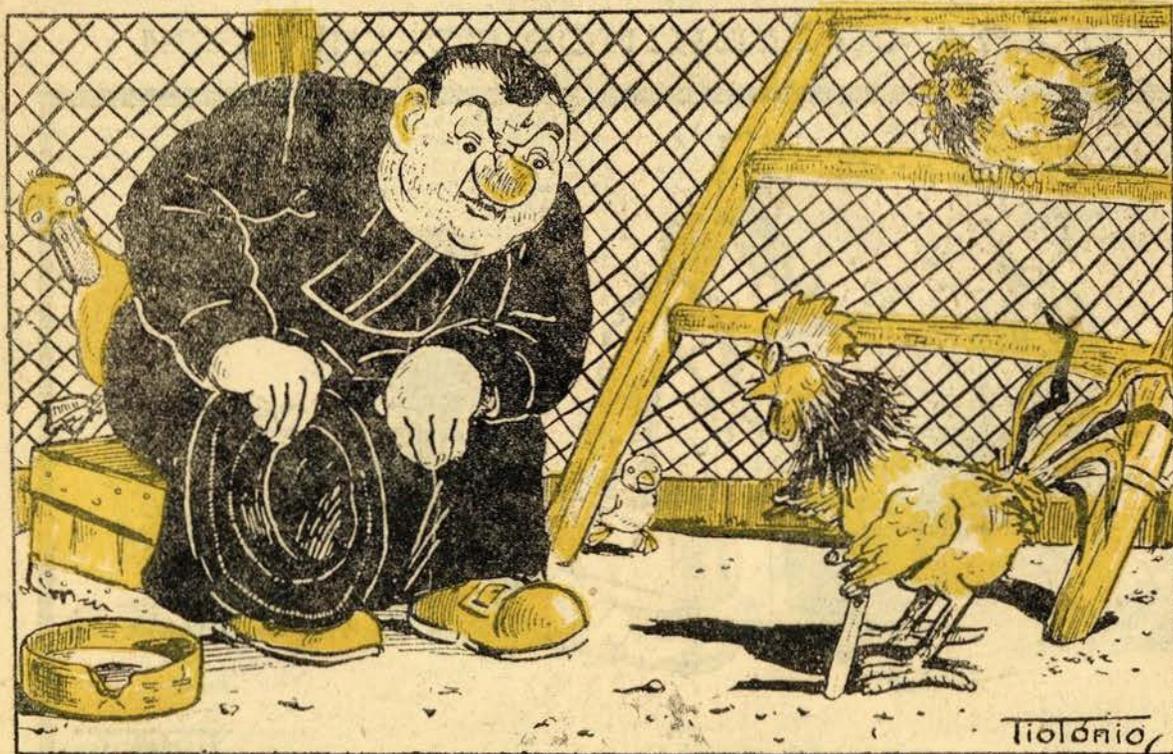
Mas, subitamente, espalhou-se em todos os rostos galuchos o mais horrível dos terrores!

Despreocupadamente, cantarolando, uma das criadas acabava de abrir a cancelita de pau!!

Emudecemos! E, instintivamente, todos os olhares se pregaram no galo mauzão a quem ela se dirigia com a faca macaca e as mangas arregaçadas! Mas o galo espertalhão, apenas a viu aproximar-se com a faca na mão, saltou, velozmente, para terra, pé aqui, pé ali, azas no ar,—có-có-có—có-có-có—atropelando, ferindo, derrubando—có-có-có—có-có-có—có-có-có—có-có-có!... Tombou o tacho da água, partiu a malga das sêneas e sempre picando, mordendo, maltratando as pobres galinhas, os galos e os galitos, que fugiam em sua frente, assustados, desastrados, espantados...

—có-có-có—có-có-có—có-có-có!...

A criada, zangada e cansada daquele jogo das escondidas que punha em revolução o território galucho, já dizia mal da sua vida, de cabeça perdida,—coitada!—quando, de repente—zás!—o apanha por uma asa e o leva para





casa e... (ai Jesus, que até o coração se me aperta, apesar do galo galão ser muito mauzão!) lhe cortou as gúelas, — zumba, zumba, zumba — com a ponta tonta da faca macaca!

Parte da profecia estava realizada! Solenemente, os galos de categoria, pais de família, vieram cumprimentar-me, apertar-me a mão, muito gravemente, muito comovidamente, olhos no chão...

Mas, passado talvez um mês, o espanto cresceu e marcou lugar, definitivamente, a minha fama de profecta!

Um galo de ferro, novo, pintado, luzidio, foi substituir, no tópo do catavento, o galucho decrepito, que há anos, no mesmo lugar, pendia já, tristemente, a asa derrubada...

— «Não há dúvida! Não há dúvida!» gritou todo o pessoal maior e menor da capoeira. «E' o galo galão! E' o galo galão! Foi a maldição! Foi a maldição!...»

E, como eram horas do Sol nascer, no tópo do catavento, à chuva e ao vento, isolado, abandonado, o galo galucho cantou:

— Có-có-ró-có!...

Desde então, na nossa capoeira, reina a maior harmonia nunca havendo uma discussão, um acto de discórdia, um mal entendido...

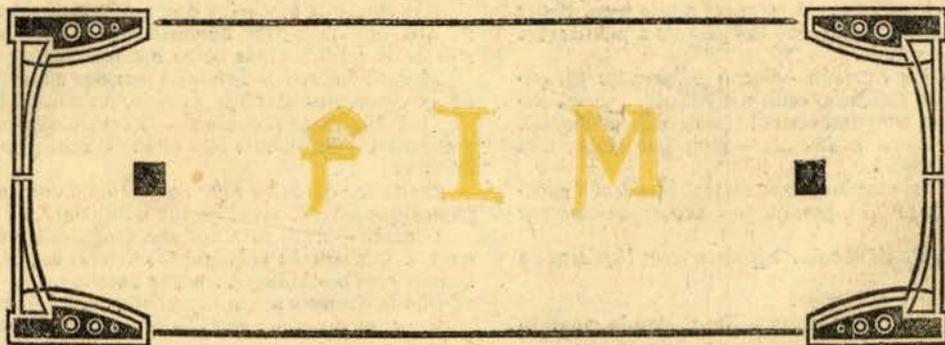
Deus dá o castigo aos maus e a recompensa aos bons! Eis terminada a minha narração, Senhor Padre Prior!»

E o senhor Padre Prior agradeceu comovidamente ao galo galucho, profecta nada pateta, e seguiu o seu caminho, ruminando no castigo do desgraçado galinho!

♦ ♦ ♦

Pois, meus meninos gordinhos, rosadinhos, de olhinhos azuis, castanhos ou pretos, meus queridos pequeninos que tendes estado com tanta atenção a ouvir a mãezinha ler esta história do galo galão, atentai no que vos digo, abri os vossos olhinhos onde despontam auroras de Claridade e Amôr:

— Não :êde orgulhosos, vaidosos e maus! Sêde sempre bonzinhos, meiguinhos, simples e dóceis, porque Nosso Senhor, se assim procederdes, dár-vos-há na Terra um poleirinho maneirinho, modesto, singelo, mas donde as vossas vozes chegarão mais rapidamente ao Céu, do que certo Có-có-ró-có de certo galo galucho, amaldiçoado de crista e de buxo, que no tópo dum catavento, à chuva e ao vento, cumpre de noite e de dia a triste profecia do galo profecta, nada pateta, já talvez arrependido do mal que fez na terra, de morder os pintainhos de meia curta e calção e não deixar às galinhas nem metade da ração!...



# UM CAVALEIRO

POR AUGUSTO DE SANTA RITA

DESENHO DE TIOTÓNIO

NUMA cana escarranchado,  
Alegremente brincando,  
Antoninho, entusiasmado,  
Vai correndo e vai gritando:

— «Eh! cavalo duma cana,  
Chite, chite... a galopar!...  
Chite, chite... com mais gana,  
Chite, chite... taque-taque...  
Taque-taque... taque-taque...  
Taque-taque!... sem parar!»

Mas já um pouco cansado,  
— «Chite, chite... taque-taque...»  
Diz lá consigo, intrigado,  
Em seu pensar de criança:  
— «Porque motivo será  
Que o meu cavalo não cansa,  
Quando cansado estou já?!



FIM

## CORRESPONDENCIA

*Maria Fernanda Dias* — As tuas flôres, devido à viagem chegaram ao meu poder sequissimas! Nem os troncos se puderam aproveitar.

Faz outras a tinta. Valeu?

*Jorge Heitor M. Rocha, José Encarnação Barranha, Horácio Neves dos Santos, Fernando F. S. Sampaio, Manuel Henriques, Maria Adelaide Sobral, Virgílio Barata Sacadura, Fernando Rodrigues Garcia, José da Silva Cruz, Antonio Lázaro, Julio Sales da Silva* — Todos estes «sobrinhos» enviaram desenhos a lápis, razão porque não podem ser publicados.

Só a tinta da China, ou tinta muito escura, podem servir.

*Raquel Maria Leote* — São interessantes as adivinhas mas de um processo já muito explorado. Porque não tenta fazer uma historia?

*Maria da Conceição V. da Fonseca* — Minha amiguinha. Apesar dos teus 9 anos já escreves muito bem. Podes mandar a historiazinha, mas não lhe garanto a publicação. Um beijo repenicado.

*Joaquim Carlos Farinha* — Como frequentas por encanto a instrução primária, estás um pouco... verde. Estuda e lá chegarás. Não desanimes!!! o desenho é fraquito.

*Madalena, Tereza e Beatriz* — Nem por serem trez chegaram mais depressa.

Mas... mais vale tarde do que nunca. Mandem as vossas produções logo que possam pois fico impaciente por elas.

A Ill.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Redacção, agradece com lágrimas de comoção.

Um chi-coração a cada uma.

*Antonio Joaquim do Carmo* — Tens grande vocação para o desenho mas... copias um bocadinho meu marôto... Além disso os desenhos vem feitos a lápis.

Porque não entras no concurso de desenho?

*Francisco Antonio Rasquinho* — Meu grande amigo. Estás na fase da poesia. Todos teem disso em chegando a uma certa idade.

Estão fraquitos, muito fraquitos. Tens mais geito para os contos... que não sejam politicos.

*Maria José Veloso Moreira* — Ora aqui está uma sobrinha que promete vir a ser uma grande artista!

Explendido trecho da praia de Buarcos. Tem uns erros de perspectiva que se corrigirão trabalhando com método.

*Eduardo N. Balsa* — Não copies. Trabalha com método, pois que sem ele nada se adianta.

*Maria de Lélis* — Nem preciso fazer apreciação à sua historia, pois que já deveria prever que está muito boa. Aguarda apenas a vez.

Os meus cumprimentos.

*Lili L.* — Já deveria ter visto que foi atendida.

Não me trate por V. Ex.<sup>a</sup>

Como é que adivinhou o meu nome?

*Ana Pina* — Devido à falta de tempo, só agora posso responder às suas cartinhas.

Como deve ter visto os seus trabalhos teem tido boa aceitação, posto que, a meu ver, tinham um arzinho de fita cinematográfica.

Não concorda? Imagine que ainda me lembro da Anita P. que nos primeiros numeros que pedia monogramas! Apesar de velhote ainda tenho boa memória...

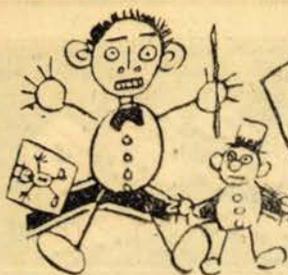
*Maria Pacheco* — Tem uma maneira muito interessante de escrever que deversas aprecio. As minhas felicitações.

*Luiz Henrique Ramalhal* — O cavalo que enviaste está a dançar o «charleston». Não está? O rabo parece o de um avestruz!

*Frederico da Silva Pereira* — O bote que enviaste, até parece que está... vivo! Só lhe falta falar...

*Cezinha* — Aqui para nós que ninguém nos ouve diz-me qual a tua morada pois que te enviarei um risco para almofada com coelhinhos... muito baratinho.

Não te demores senão já não vem nos anos da tua mamã. Um abraço muito apertado (que eu tambem tenho muita força!) a todos os trez manos ao mesmo tempo!



# Desenho Infantil -

por TIO TÓNIO!

## 1.º Concurso de Desenho - Condições

Leitores do Pim-Pam-Pum

Se quereis ser uns artistas, não deixae de concorrer a este interessante concurso, muito mais fácil do que parece. Os melhores trabalhos serão publicados com o retrato do autor.

Para mais detalhes, consultem esta mesma secção no número passado.

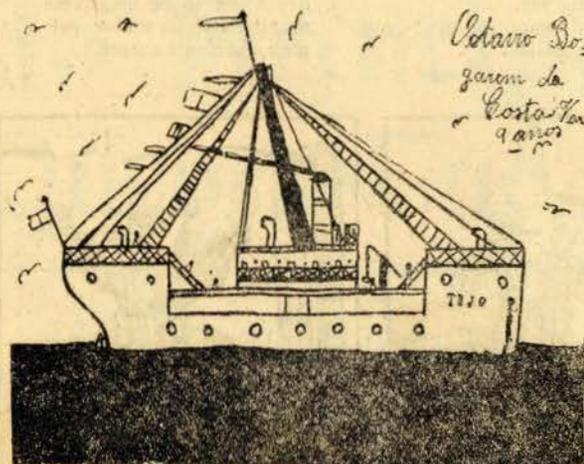
Não desanimem!

TIO TÓNIO

1.º CONCURSO DE DESENHO INFANTIL

Rua do Seculo, 43 - LISBOA

## COLABORAÇÃO INFANTIL



Cetavio Do.  
garem da  
Costa Ter  
9 anos



João Santa  
Barbara  
6 anos de idade



Jaime Benouque Santa Barbara  
idade 11 anos



Maria do Carmo Santa Barbara com 6 anos de idade



# O RATO BORRACHO



Era uma vez um ratinho, muito pimpão e f'nório, que habitava um buraquinho num rodapé de escritório.



Fanfarrãozinho de estalo... mas fugia a sete pés, assim que via, a espreitá-lo, O senhor gato maltez.



Uma noite bêbé-rato descobriu sobre uma mesa na ausência do senhor gato uma excelente surpresa.



Era um frasco com licor por sinal do «Cointreau» que, como um bom bebedor, engoliu dum trago só.



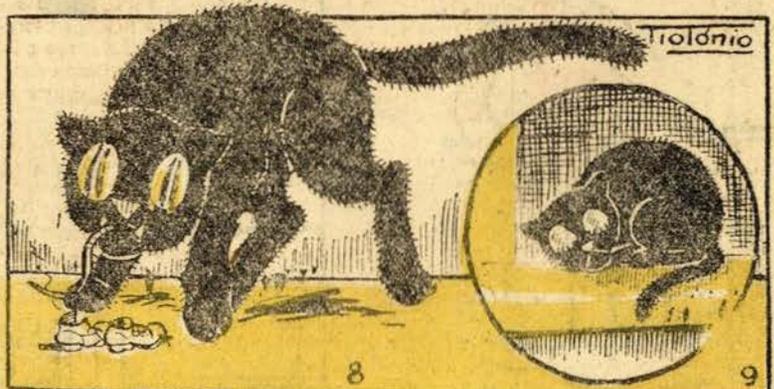
Vaporoso como o éter, sem mesmo dar-se por isso, O pior foi que um tal nectar lhe subiu logo ao tontico.



E eis agora bêbé-rato numa grande exaltação: — «onde estará mestre gato para dar-lhe uma lição»



— Se eu agora o descobrisse, eu lhe contaria um conto!,... gritava com pimponice apesar de muito tonto.



Nisto surge o senhor gato que, ao ver um tal desafio, papa, de súbito, o rato que não solta nem um pio!

E foi tal a «camoeça» que inda causou seu efeito ao gato, numa soneca, em cima dum parapeito!